

Por ser mulher de Luana Lima

Olhar através dos monóculos é se preparar pra enxergar de forma íntima as maneiras sutis, mas extremamente violentas de manifestação do machismo e da cultura do estupro, que está presente no cotidiano das mulheres.

Porn of View de Gabriel Monte Ronaldo Nogueira

“Uma boa pornografia me afeta, me mexe, me faz mexer.” Mariana Baltar. Imagens nos são estímulos, per si já se nos instigam os sentidos e, abertamente, a elas nos damos. Falamos de imagens, produzimos imagens, consumimos imagens. A imagem pornográfica aqui também se encaixa: é completa estímulo; seduz-nos os sentidos perfeitamente; de forma quase inegável nos relacionamos com elas. Destas, porém, não falamos tanto, mesmo que as consumindo e até produzindo, por que não? Ainda que travando contato de intimidade com estas imagens, não somos de todo livres para nos expormos junto delas. Embora nos relacionando com estas em um “desejo de mostrar tudo como uma grande, excessiva, promessa de real”, em público a elas nos dizemos indiferentes. Isso não se trata tanto de como manuseamos as pornografias, mas sim como tocamos nossa própria imagem. Agravando, então, a intimidade entre estas imagens qual estímulo se dá em nós? Vendo o corpo pornográfico refletido no nosso, quais sentidos reagem? Porn Of View trata sobre experimentar familiaridades e como elas se materializam. Transportar a imagem pornográfica para outro reflexo, confrontá-la com outros corpos. Aprender outras intimidades de si ao ver-se exposto com e no outro.

Saudades de Thaís Muniz e Nilo Rivas

Podemos ver os trajetos e as histórias que ligam Fortaleza ao Rio de Janeiro e Lima, no Peru. Um mapa, um vídeo, uma ligação afetiva.

Travessia de Yuri, Peixoto Ana Paula Vieira, Matheus Silva Rocha e Rômulo Marques

É uma obra de resgate e ao mesmo tempo de invenção de uma memória. Parte de um impulso em direção a uma relação inexistente, a uma falta, a um desejo.

EXPERIMENTAÇÕES

MOSTRA
TEORIA DA IMAGEM | CRÍTICA E CURADORIA | ATELÊ II

Açúcar Queimado de Ed Borges

Açúcar derretido envolto em ataduras de um passado não muito lembrado. “Açúcar queimado” é uma pesquisa autobiográfica que se propõe a mergulhar em um trecho da minha trajetória do qual, até então, só me restavam esquecimentos: meu adoecimento e minha recuperação de uma doença que seria fatal, a meningite meningocócica, ainda na infância. Mais do que uma memória pessoal, essa é uma lembrança familiar e, principalmente, materna, carregada por uma mulher que vivenciou uma dor (extra)corpórea compartilhada com o filho. Como resquício físico da enfermidade, herdei cicatrizes que marcaram não só meu corpo, mas também a forma como eu o experiencio e o vejo diante de outros corpos. Materialidade das imagens, memória, corporeidade e afeto são pilares temáticos sobre os quais foram costurados dois trabalhos complementares. Estendidas num varal, fotografias dos meus primeiros anos de vida, presas em âmbares de açúcar quente, elemento criador de queimaduras cujas texturas se assemelham às que sobrevivem em minha pele. Numa pequena sala enfeitada de toalhas rendadas, vista pela janela de uma televisão antiga, as mãos de minha mãe, que tecem – com os fios da recordação e a tesoura da fala objetiva do meu irmão mais velho – minha história desconhecida. O resto é cicatrização.

Admirável Frivolidade de Jessika Barbosa

Vida das coisas, dos objetos. Cinzas do que foi, uma verdade absoluta ou uma ficção, uma possível realidade. Penso que não só obras de arte têm sua áurea, acredito que tudo tem, tudo provoca algo. As capturas do que é banal, do que geralmente passa despercebido, é ressignificado no momento do click, passando ser possível observar o sublime do que foi deixado, e que mesmo depois do descarte sua áurea continua a existir, a influenciar nas formas de percepção do mundo. Esse meu interesse pelo chão, vem da poética desse lugar geralmente esquecido, mas ele é onde seguimos nossos caminhos, onde erguemos nossas casas, de onde provém grande parte dos meios de sustentação da humanidade.

Antíope e o Sátiro de Sunny Maia

Meu trabalho é um vídeo, composto com imagens estáticas, acompanhadas de uma trilha de música clássica. O trabalho trata inicialmente do mito de Antíope, expondo o mito escrito e as pinturas que o retratam. Em um segundo momento, co-relaciono manchetes de casos de estupro, comentários machistas de cada caso e recortes dessas pinturas, criando essa relação entre Antíope e o Sátiro com as vítimas do estupro e o agressor.

Bugado de Emília Schramm e Rafael Brasileiro

O que pode a imagem? O que ela nos causa? O que ela nos remete? O que queremos delas? Neste trabalho, procuramos analisar as particularidades da fotografia analógica e da fotografia digital, em sua materialidade e em sua maneira de provocar afetos. Procuramos, também, sob o ponto de vista de nossa sociedade pós-hermenêutica, em que apenas a palavra não é mais suficiente, visualizar as divergências entre o modo analógico e digital de se operar a imagem. Dado o caráter instantâneo e descartável da fotografia digital (fortificado, principalmente, a partir do boom da cultura dos smartphones e das câmeras digitais), em contraponto ao caráter tátil e de lento processamento da fotografia analógica, nos veio o pensamento sobre o tipo de memória que pretendemos montar com as imagens. Sistemas de armazenamento estão sendo criados e fortalecidos na era digital, para que possamos extrapolar o limite dos registros fotográficos, e para que não os percamos. Quantas nuvens e quantos drives, porém, serão capazes de guardar o que queremos que seja mantido? Em se tratando de memória, quisemos retratar um aspecto das imagens que atravessa os moldes sensíveis de sua apreensão: a possibilidade delas serem ressignificadas. A ressignificação da imagem no meio analógico, a partir de experimentações nossas, evoca diferentes significados da ocorrida em imagens digitais.

A partir desses aspectos, nós, proponentes da instalação, trabalharemos, em nossa obra processual, a ressignificação da leitura imagética, em prol de uma problematização de nossas próprias memórias. Faremos um processo de “reinvenção da imagem”, em fotos analógicas nossas, com diversos materiais (linha, fogo, tinta, recorte/colagem) e, depois, realizaremos intervenções na imagem digitalizada, através de generation loss e glitching. Depois, evidenciaremos mais ainda essa virtualidade imagética, expondo nossos resultados finais em televisores de tubo.

Chegadas e Partidas De Allan Santos e Marcus Antonius Melo

“Chegadas e Partidas” propõe uma reflexão sobre nossa relação com o tempo. Quando é o meu tempo? De onde estou chegando e para onde estou indo? Quem eu deixei no caminho e quem irei encontrar?

Contradições de Wilker Paiva

O movimento da luta de classes é o que movimenta as imagens espetaculares, estas que confrontam as diferentes realidades sociais brasileiras.

ContraNarciso de Simone Lessa, Rômulo Sampaio e Isac Martins

O que vemos de nós é espelhado num outro. A obra partiu de um poema de Paulo Leminsk de mesmo nome, que inicia assim: “Em mim/eu vejo o outro/e outro/ e outro/ enfim dezenas”.

Golden Memories de Pedro Luis Viana

Três mães menos uma. Mapeamento feito com fotografias, cartas e documentos sobre um período de abandono, ciúmes e acolhimento.

Histórias que os Rostos Trilham de Sílvia Roque Figueroa (fotografias de Valeria León)

Trata-se de uma mostra de quatro desenhos tipográficos de rostos, os quais tentam contar a história de cada uma das pessoas retratadas. Os rostos pertencem a moradores da Comunidade do Trilho, localizada no Bairro de Aldeota em Fortaleza, a qual vem sendo ameaçada e sofrendo expropriações de terreno há vários anos.

Iconocoletivo de Gabriela Machado Tortelli, Elvio Franklin, Mylla Fox, Marley Zaranza e Thais Emília

O trabalho busca, por meio da intervenção do espectador, dialogar sobre o significado da imagem como símbolo e suas possibilidades no olhar individual e coletivo.

Inspirar/Expirar de Meg Pereira e Rebeca Simões

É o movimento de abrir o corpo ao mundo. Entrada e saída de ar, um gesto que garante a vida quando lhe falta vivacidade.

Manifestações de Lucas Moreira

Traz o sentido das emoções por estar em multidão. São corpos coletivos que fazem sentir o que se passa nesse momento.

Nada é impossível de mudar de Marina de Almeida Araújo

Nada é impossível de mudar. Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo. E examinai, sobretudo, o que parece habitual. Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural nada deve parecer impossível de mudar." Bertold Brecht